



A AFETIVIDADE COMO ESTRATÉGIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

LA AFECTIVIDAD COMO ESTRATEGIA EN EL PROCESO DE APRENDIZAJE EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

AFFECTIVITY AS A STRATEGY IN THE LEARNING PROCESS IN HIGHER EDUCATION

Priscilla Rosa Farias¹

Liliane Kolling²

Hildegard Susana Jung³

RESUMO

A afetividade é impulsionada pela vivência dos sentimentos e das emoções e desenvolve-se por meio da formação do indivíduo. Com o início da Pandemia do Covid-19, alunos do Ensino Superior presencial puderam sentir a falta da troca de experiências, afetos e espaços de convívio, vivenciadas entre colegas e professores. O objetivo deste artigo é refletir sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem do educando no Ensino Superior. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo revisão de literatura, tendo como base teórica autores como Pestalozzi (1931), Maturana (2005) e Incontri (1996). Os resultados sinalizam que: a) A afetividade é uma estratégia essencial no processo de ensino e aprendizagem, e cabe ao professor usá-la em seu benefício e de seu educando. b) Em qualquer situação de aprendizagem, seja na Educação Superior, ou na Educação Básica, torna-se fundamental o afeto e o amor nas ações.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade, Ensino Superior, Aprendizagem significativa.

RESUMEN

El afecto es impulsado por la experiencia de sentimientos y emociones y se desarrolla a través de la formación del individuo. Con el inicio de la Pandemia del Covid-19, los estudiantes de la Educación Superior presencial pudieron sentir la falta de intercambio de experiencias, afectos y espacios sociales, vivida entre compañeros y profesores. El propósito de este artículo es reflexionar sobre la importancia de la afectividad en el proceso de aprendizaje del estudiante en la Educación Superior. Se trata de una investigación cualitativa, del tipo revisión de la literatura, basada en autores como Pestalozzi (1931), Maturana (2005) e Incontri (1996). Los resultados indican que: a) El afecto es una estrategia fundamental en el proceso de enseñanza y aprendizaje, y le corresponde al docente utilizarlo en su beneficio y en el de su alumno. b) En cualquier situación de aprendizaje, ya sea en Educación Superior o Educación Básica, el afecto y el amor en las acciones son fundamentales.

PALABRAS-CLAVE: Afectividad, Educación superior, Aprendizaje significativo.

¹ Professora Educação Infantil e Anos Iniciais - Escola La Salle Esmeralda - Graduada em Pedagogia - UNIASSELVI. Porto Alegre. Brasil E-mail: priscilla.rosa@lasalle.org.br

² Diretora da Escola Fundamental La Salle Esmeralda - Graduada em Pedagogia/PUCRS - Especialização em Psicopedagogia e Gestão Escolar/PUCRS - Mestranda em Educação/UNILASALLE-Canoas. Brasil. E-mail: liliane.kolling@lasalle.org.br

³ Doutora em Educação/ UNILASALLE-Canoas. Brasil. E-mail: hildegard.jung@unilasalle.edu.br

ABSTRACT

Affection is driven by the experience of feelings and emotions and develops through the formation of the individual. With the start of the Covid-19 Pandemic, in-person Higher Education students could feel the lack of exchange of experiences, affections and social spaces, experienced between colleagues and teachers. The purpose of this article is to reflect on the importance of affectivity in the student's learning process in Higher Education. This is a qualitative research, a literature review type, based on authors such as Pestalozzi (1931), Maturana (2005) and Incontri (1996). The results indicate that: a) Affection is an essential strategy in the teaching and learning process, and it is up to the teacher to use it to his benefit and to his student. b) In any learning situation, whether in Higher Education or Basic Education, affection and love in actions are fundamental.

KEYWORDS: Affectivity, Higher Education, Meaningful learning.

1 INTRODUÇÃO

Através da experiência adquirida ao longo dos tempos destacamos a importância do afeto para que os educandos tenham uma aprendizagem significativa. A relação entre educador/educando é fundamental para que tenha uma motivação no aprender.

Muitas vezes relacionamos a afetividade apenas com alunos da Educação Infantil e/ou Educação Básica, mas acreditamos que em qualquer processo educativo, quando o educando é tratado com respeito e afeto, a transformação como ser humano acontece de maneira mais eficaz.

Ao nos depararmos com um contexto de profissionais engajados e preocupados com a aprendizagem dos educandos, pressupõe que a formação será embasada na transformação de pessoas mais autônomas, responsáveis e críticas. Através desta relação de afeto e desenvolvimento de ser humano, a educação acontece com uma intencionalidade de qualidade nos processos.

O estudante que identifica no educador a afetividade como parte do processo de aprendizagem, consegue valorizar o seu trabalho como importante nas relações interpessoais, contribuindo para uma busca constante e processual de novas aprendizagens. Teóricos como Vygotsky e Wallon trazem estudos importantes sobre o afeto e a aprendizagem. Wallon explica que a afetividade se desenvolve interferindo na inteligência. Para Gratiot (2010: 34) “A teoria psicogenética do desenvolvimento da personalidade de Henri Wallon integra a afetividade e a inteligência”.

Percebemos, na prática, o quão é importante fazer esta relação entre o afeto e a aprendizagem. O afeto, segundo Siqueira, Neto & Florêncio (2011: 2):

Exerce forte influência no cognitivo, pois quando uma criança sente-se amada, querida, respeitada pelo professor que demonstra tal atitude, com certeza este aluno, sentirá desejo de aprender. Nisto constatamos como um bom relacionamento entre o professor e o aluno, facilita como um todo de ambas as partes.

Entretanto, muitas vezes os educadores não compreendem que existe uma relação saudável que influencia de fato a construção do conhecimento. Segundo Antunes (2000: 20), todas as relações familiares e profissionais devem ser envolvidas pela afetividade, em todas as idades ou nível sócio-cultural.

Os educandos que conseguem manter uma harmonia e se sentem motivados nas atividades propostas pelo educador, constroem seu conhecimento transformando o ambiente num facilitador de aprendizagens, pois na escola o aprendizado acontece com as interações, os questionamentos, as reflexões e na busca constante do desenvolvimento intelectual.

Para Vygotsky, o meio interfere significativamente e reconhece que a criança já nasce inserida numa família, que é seu primeiro contato com o meio social. Segundo Ivic (2010: 16), “Análises teóricas conduziram Vygotsky a defender teses muito visionárias sobre a sociabilidade precoce da criança e a deduzir delas consequências que o levaram à proposta de uma teoria do desenvolvimento infantil”.

Considerando a teoria de Vygotsky, o educando consegue fazer relações significativas com o meio em que está inserido, através de suas interações relevantes e comunicação verbal. A partir desse processo, desenvolvem-se emoções complexas capazes de transformar o próprio ser humano e o meio em que convive.

No Ensino Superior podemos observar um ambiente de aprendizagem mais autônomo, mas com a mesma função social. As relações e o pensamento crítico ficam mais evidentes, porém, a afetividade neste espaço deve ser instrumento de uma busca ininterrupta do conhecimento transformando a sociedade em que vive. Nesta perspectiva da efetiva relação entre a afetividade e a aprendizagem, Panizzi (2004: 2) afirma que:

Cada ser particular relaciona-se com outro num processo de desenvolvimento singular, delineado nas relações sociais. Organiza seu comportamento frente às situações com as quais se depara no seu dia-a-dia, cujo processo realiza-se com base na natureza biológica e cultural que caracteriza o comportamento humano, constituindo assim, a história do sujeito.

Portanto, a escola ou a universidade devem ser vistas como um ambiente fundamental de socialização e desenvolvimento da afetividade. Não podemos ver estas

instituições apenas como um espaço de educação formal, mas sim um ambiente interdisciplinar motivado a desenvolver aprendizagens.

2 A AFETIVIDADE COMO ESTRATÉGIA NA APRENDIZAGEM

Todo processo de ensino e aprendizagem acontece de forma interligada entre o aprender e o conquistar. A conquista é referente ao meio que esta aprendizagem acontece, integrando o meio juntamente com o ser humano afetivo, que estará disposto a ensinar e aprender. O afeto é um fator importante e deve ser levado em consideração no momento da construção do saber. Temos, como exemplo, professores afetivos e outros nem tanto, o que mostra diferença no seu processo de ensinar. Segundo Miranda (2008: 2), “[...] o fator afetivo é muito importante para o desenvolvimento e a construção do conhecimento, pois por meio das relações afetivas o aluno se desenvolve, aprende e adquire mais conhecimentos que ajudarão no seu desempenho escolar”.

Para entender melhor de que forma essa afetividade contribui no processo ensino e aprendizagem, busca-se um aprofundamento mais específico, pois quando se fala em afetividade para aprendizagem é preciso considerar as características do ambiente escolar, visando os processos cognitivos de todos. Bock (1999: 124) acredita que:

A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e aprender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar no mundo a nossa vida. Veja bem, Vygotsky defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa ou recebemos influência externa.

Portanto, não basta apenas ler, estudar ou investigar sobre a afetividade na aprendizagem do indivíduo, isso deve ocorrer de dentro para fora, em um percurso natural. O aluno, ao estar interagindo com os colegas, já está em processo de aprendizado, pois a troca entre ambos desperta além de sentimentos, o seu lado cognitivo e assim também ocorre com o meio. Vivemos rodeados de informações, sendo essas boas ou ruins. A forma como essas informações chegam ao nosso consciente, deve-se a diversas maneiras de acessá-las. O meio em que este ser humano está envolvido traz pontos cruciais para a aprendizagem. Segundo Wallon e Vygotsky, um dos fatores do desenvolvimento de um indivíduo se faz a

partir da interação com outros seres e com fatores ambientais, ou seja, o meio em que está inserido. Neste sentido, Wallon (1995: 210) afirma que:

São a própria razão da infância, que tende para a edificação do adulto como exemplar da espécie. Estão inscritas, no momento oportuno, no desenvolvimento que conduz a esse objetivo. As incitações do meio são sem dúvida indispensáveis para que elas se manifestem e quanto mais se eleva o nível da função, mais ela sofre as determinações dele: quantas e quantas atividades técnicas ou intelectuais são à imagem da linguagem, que para cada um é a do meio!

Assim como na Educação Básica, no Ensino Superior, o afeto torna-se também importante no desenrolar do curso. Todo e qualquer aluno sente-se pertencente a uma aprendizagem no momento em que o mesmo é convidado a essa imersão de conhecimento. Holanda (2008: 9999) define afeto como: “Afeição, amizade, amor.”.

No decorrer do tempo, sabemos que o professor que demonstra interesse, disposição e se aproxima do aluno, colocando-se no lugar do mesmo, este aluno percebe e sente essa acolhida, desenvolvendo sentimentos bons, tornando a aprendizagem significativa e prazerosa. Contudo, também podemos observar professores transmitindo o seu conhecimento da mesma forma com a qual foram ensinados, numa época mais rígida e conservadora.

A afetividade está diretamente ligada à emoção, determinando o modo como o ser humano visualiza o mundo ao seu redor. Todas as experiências vividas pelo indivíduo ficam registradas em seu inconsciente, e foram vindo à tona durante sua trajetória de vida. Saltini (1997: 15) adverte que “As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas . Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores”.

Conhecer a realidade do educando, suas experiências e seus meios de aprender são fundamentais para que o professor possa não apenas ensinar, mas também criar um vínculo afetivo, um elo mediador com o aluno, sabendo que ele também aprende com seu educando. Neste sentido, o educador deve oportunizar atividades individuais, em grupos, oportunidades de concentração, de movimentos, ou seja, variadas formas para que seus educandos tenham diferentes experiências, aproveitando as circunstâncias para desenvolver as emoções, os valores e a formação humana. Desta forma, estará respeitando as diversas maneiras como

cada educando aprende. Pensar numa educação centrada nos alunos e não no professor torna esta perspectiva mais inovadora. Para Christensen (2012: 17),

[...] o aprendizado com base no computador emerge como uma força de disruptiva e uma oportunidade promissora. O uso adequado da tecnologia como plataforma de aprendizado é uma oportunidade de modular o sistema e, com isso, customizar o aprendizado. O aprendizado centrado no aluno é o escape das células temporais, laterais, físicas e hierárquicas da padronização.

As mudanças na educação, especialmente no ensino superior, trazem uma nova perspectiva de ensino, oportunizando aprendizagens significativas para todos os envolvidos e descentralizar o saber do professor, resgatando as habilidades de cada educando.

3 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO EDUCADOR/EDUCANDO

Sabemos da imensa responsabilidade do educador na vida de seus educandos. Como educadores, temos a noção da importância na construção da aprendizagem ao longo da vida escolar de nossos educandos. No momento em que o educador percebe a dimensão de sua prática, ele compreende que pode marcar positivamente ou negativamente os seus educandos, como cita Incontri (1996: 93) sobre o pensamento de Pestalozzi “[...] a esse amor, que naturalmente aparece nas mães e que pode ser despertado em qualquer ser humano, em sintonia com o amor divino, que ele se refere como pressuposto inicial de uma educação que permita à criança o pleno desabrochar de suas potencialidades”.

No ato de criar um vínculo com seu professor, o aluno transcende a vontade e a curiosidade em aprender cada dia mais, mas para isso torna-se necessária esta mediação entre professor e o aluno. Essas colocações são predominantes para todos os estudantes, sendo eles da Educação Infantil ou do Ensino Superior. Para Freire (1996: 159):

Como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar.

O professor, durante sua trajetória, deve estar aberto a novas informações, metodologias e práticas pedagógicas. Já o educando poderá sentir-se mais seguro no ambiente, sabendo que sua referência no local, o professor, estará ali para auxiliá-lo no momento que precisar. Torna-se então, este professor, um mediador do conhecimento. A satisfação pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, para que isto aconteça é necessário que o professor desperte a curiosidade dos mesmos, acompanhando suas ações no desenrolar das atividades em sala de aula. Freire (1996: 96), enfatiza que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem, cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Vemos, assim, que o professor torna-se um ser responsável não apenas pelo saber de seus alunos, mas também pela construção e cuidado com o vínculo que deve ser criado entre ambos. Sendo assim, Freire (2004: 68) salienta que “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem”.

A relação de afetividade estabelecida entre o professor e o educando faz com que o aluno se sinta valorizado em seus pensamentos e estudos. A autoestima é um fator predominante no ser humano, a qual o torna mais feliz e gratificado com suas conquistas e, na vida acadêmica, é o professor que deve estar atento às necessidades cognitivas de seus educandos. Ambos devem ter em mente o mesmo objetivo, ou seja, o sucesso no processo de ensino e aprendizado. Wallon (2007: 198) pondera que:

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é a única e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade.

O educando traz consigo suas bagagens e muitas vezes, não são boas para suas vivências, mas cada ser tem sua história de vida e suas fragilidades. Trazemos isto em nosso

trabalho para argumentar a importância da receptividade do educador de uma forma afetiva e construtiva. A empatia pode dar lugar a um ensino conteudista e reprodutivista, no qual o aluno ouve o professor sem argumento algum, sem abertura ao debate e às diferentes opiniões. De acordo com Millot (1987: 132), “O educador, cujo poder é proveniente da transferência, não poderia querer, enquanto tal, desfazer-se dele; a instância do ideal-do-eu e a possibilidade de transferência fundam o poder de todo condutor de homens, educador ou governante”.

Acreditamos na relação entre a aprendizagem e a afetividade, e quando esta acontece de maneira interdisciplinar e sem pressionar, o crescimento acontece para todos. Para Rodrigues (1976: 174):

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando sente-se querida, está segura de si e é tratada como um ser singular (...). Se a tarefa escolar atender aos seus impulsos para a exploração e a descoberta, se o tédio e a monotonia forem banidos da escola, se o professor, além de falar, souber ouvir e se propiciar experiências diversas, a aprendizagem infantil será melhor, mais rápida e mais persistente. Os motivos da criança para aprender são os mesmos 26 motivos que ela tem para viver. Eles não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas do desenvolvimento.

Mesmo trazendo a criança como exemplo, os educandos do Ensino Superior também devem estabelecer esta prática indispensável de diálogo e afeto com os professores na universidade. Esta relação aberta à compreensão, respeito mútuo, cooperação e afetividade é imprescindível para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça de maneira tranquila e desafiadora. Desta forma, o educador deve oportunizar na sua prática o vínculo afetivo para que seus educandos tenham um estímulo maior para querer aprender. Cabe ressaltar que o desenvolvimento das habilidades do ser humano não se encerra ao término de um ciclo, mas permanece em constante evolução ao longo da vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a afetividade no Ensino Superior, a pesquisa se propôs a refletir sobre a importância da afetividade nas diversas etapas da vida escolar, principalmente na universidade. Relacionar as práticas pedagógicas educacionais com afetividade no processo de aprendizagem, nos faz refletir sobre diversas questões importantes na construção do indivíduo, sendo eles bem pequenos, ou graduandos.

A capacidade e a responsabilidade de um professor, a acolhida em um ambiente saudável e estimulador do pensar, a sala de aula como meio de aprendizado, o vínculo entre o professor e o aluno, entre outras, são fatores importantes para a aprendizagem como um todo. Sabemos que a afetividade traz situações e aprendizados significativos para o desenvolvimento intelectual, social e cognitivo do ser humano. Essa prática deve ser vivenciada a cada dia, oferecendo ao seu educando um momento de partilha, de troca, de debate, a partir do qual o mesmo poderá colocar sua opinião de forma respeitosa, sabendo que será recebida. Dessa maneira, este educando se sentirá parte do espaço educativo que ele frequenta.

A pandemia da COVID-19 nos mostra claramente que a falta da troca presencial, do abraço, do aperto de mão, do carinho entre colegas e professores está nos afetando emocionalmente. Independente do ano letivo, somos seres humanos e nos fortalecemos cada dia mais com a ajuda do outro. Hoje a tecnologia nos presenteia com vários meios digitais para sanar um pouco da falta que o afeto nos traz. Vemos professores empenhados nesse novo modelo de aulas remotas, tentando desenvolver o conhecimento com os seus alunos da forma mais afetiva possível.

No Ensino Superior, isso não se torna diferente das demais etapas da Educação Básica, pois todos os educandos, independentemente de sua idade, aprendem melhor com a companhia de um professor que irá auxiliá-los através do afeto, mostrando a este graduando a importância que ele tem e o quanto professor e aluno podem aprender juntos. Já é tempo de mudarmos a forma reprodutivista de ensino, pois hoje os alunos da Educação Infantil ao Ensino Superior esperam mais, criam maiores expectativas de aprendizagem e querem tornar-se pertencentes a uma educação prazerosa e afetiva cognitivamente.

A afetividade só será parte do processo educacional se colocada em prática por educadores e educandos. Somente através da vivência o vínculo de afeto será estabelecido entre os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Referências:

- Bock, A. M. B. (1999) (org). *Psicologia: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia*. São Paulo: Saraiva, 13^aed.
- Christensen, C. M.(2012) *Inovação na sala de aula: como a inovação disruptiva muda a forma de aprender!* Clayton M. Christensen, Michael B. Horn, Curtis W. Johnson: tradução: Rodrigo Sardenberg - Ed. atual. e ampl. - Porto Alegre: Bookmam.

- Freire, P. (1996) *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessário e Prática educativa*. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2004) *Pedagogia do Oprimido*. 38.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gratiot, A.H. (2010) *Henri Wallon / Hélène Gratiot-Alfandéty*; tradução e organização: Patrícia Junqueira. - Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.
- Holanda, A. B. (2008) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Editora Positivo Positivo. 7ª edição. Curitiba. 7.ed. - Curitiba
- Ivic, I. (2010) *Lev Semionovich Vygotsky / Ivan Ivic*; Edgar Pereira Coelho (org.) – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana..
- Incontri, D. P. (1996) *Educação e ética*. São Paulo: Sapecaia.
- Miranda, E. D. S. (2008) *A Influência da relação professor-aluno para o processo de Ensino-aprendizagem no contexto Afetividade*. p. 01-06. 8º Encontro de Iniciação Científica. 8º Mostra de Pós Graduação. Sessão de artigos. FAFIUV. Disponível em: <http://interacao.info/diversos/Marcia/2013%20%201%20semestre/ARTIGOSPEDA GOGIA.pdf>. Acesso em 20. Fev. 2017.
- Panizzi, C. A. F. L. (2004) *A Relação Afetividade-Aprendizagem no Cotidiano da Sala de Aula: Enfocando Situações de Conflito*. ISEP. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt13/t132.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2013.
- Saltini, C. J.P.(1997) *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro: DPA.
- Siqueira, A. M; Neto, D. D.; Florêncio, R.(2011) *A importância da afetividade na aprendizagem dos alunos*. TCC. Faculdade de Ciências Educação e Teologia do Norte do Brasil, p. 1-13.
- Wallon, H. (2008) *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Petrópolis: Vozes.
- Wallon, H. (1995) *A Evolução psicológica da criança*. Lisboa. Edição 70.